



“Que fazeis de especial?”

Jesus (Mateus 5:47)

“Espiritismo e personalismo são
dois pólos que não se tocam.”
Célia Xavier

Conheça Aqui!

PAIXÃO E APEGO



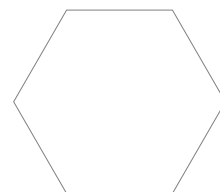
“E a solução do meu processo, senhor Alfredo? Sinto-me prejudicado pelos parentes de má fé. Minha parte na herança dos avós é cobijada pelos primos. Segundo já lhe fiz ver, meu quinhão é superior aos demais. Soube, todavia, que o Visconde de Cairu interpôs toda a sua influência contra mim. Ninguém ignora tratar-se de um grande velhaco. Que não poderá ele fazer com as artimanhas políticas? Está mal informado a meu respeito. O senhor enviou meu pedido ao Imperador?” [1]

Aristarco era um dos vários Espíritos dementados amparados pelo posto de socorro vinculado à colônia Campo da Paz. Profundamente arraigado aos assuntos de ordem material, o infeliz irmão interpelou Alfredo, o administrador daquela instituição, sobre o processo que corria em relação a herança de seus avós. Sua mente não conseguia focar em nada além do dinheiro que ele pensava ainda ter direito. Esse fato nos remete à outro, narrado por André Luiz na obra “No Mundo Maior” [2]. Em excursão às regiões inferiores do Umbral, em companhia de Calderaro, André avistou um grupo de velhinhos que se engalfinhavam na lama achando que fosse ouro. Como se não bastasse, alimentavam enorme preocupação para que os ladrões não os roubassem. Dentre este triste agrupamento, André reconheceu Cláudio, que fora seu avô na última encarnação e que havia lhe ajudado muito em sua formação médica. O mentor explicou que a condição apresentada por aquelas entidades era consequência do profundo apego à fortuna material que, como bem sabemos, é transitória. Nossos irmãos não se encontravam aptos ao equilíbrio na zona mental do trabalho digno.

Aliás, é muito comum recebermos em reuniões mediúnicas Espíritos que se encontram em situações semelhantes no Além. Quando encarnados, cultivaram tanto apego aos mais diversos bens materiais que, ao chegarem no plano espiritual, conservam a nítida sensação de ainda estarem no mundo físico. Perguntam por suas residências, fazendas, terrenos, automóveis, roupas e demais objetos que consideram de grande valor. Além destes há aqueles outros que se apegam às pessoas, como se fossem de sua propriedade. Consideram como posse seus pais, irmãos, cônjuges e filhos. Sofrem absurdamente pela separação, pois não amam realmente, mas apenas se apegaram. E na ausência daquilo em que se apegam, a criatura é tomada por um enorme vazio em sua vida, a se traduzir, por vezes, em uma dor incommensurável e sofrimento inenarrável. Só quem passou por isso é capaz de entender completamente o que estamos dizendo.

Em nosso entendimento, o apego nasce da paixão incontrolável e não do amor. Há quem diga que o apego é o oposto do amor, pois enquanto este liberta, aquele prende. A paixão corrompida pelo apego surge de um egocentrismo no qual a pessoa busca construir a sua própria felicidade às custas do outro. É um tipo de sentimento onde o indivíduo quer se apropriar de pessoas, objetos e situações visando o controle de tudo. Considerando o apego como um dos filhos da paixão, será que são, em essência prejudiciais ao homem? Será que no dia a dia, um pouco de apego e paixão não seriam benéficos? Demonstra a história da humanidade que as paixões são capazes de levar as pessoas a realizarem grandes feitos. Assim, podemos dizer que o apego comedido e bem compreendido pode se traduzir por zelo, dedicação, afeição, ternura e cuidados com tudo aquilo que é importante para nós. Mas o problema é que nem sempre ou, na maioria das vezes, os instintos primitivos sobrepõem as nossas aspirações mais sublimes. Dominados pela ausência do autocontrole, surgem

Valdir Pedrosa



REFERÊNCIAS:

[1] Os Mensageiros – Pelo Espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier – capítulo 21 (Espíritos dementados).

[2] No Mundo Maior – Pelo Espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier – capítulos 18 (Velha afeição) e 19 (Reaproximação).

[3] O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 3ª parte (Das leis morais) – capítulo 12 (Da perfeição moral) – questões 907 e 908.

[4] Evangelho Segundo Mateus – 6:19-21.

continuação da página anterior

os excessos que, inevitavelmente, maculam as boas intenções de que nos imbuímos.

Allan Kardec perguntou aos Espíritos superiores responsáveis pela Doutrina Espírita: “Será substancialmente mau o princípio originário das paixões, embora esteja na Natureza?” Os guias responderam: “Não; a paixão está no excesso de que se acresceu a vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, tanto que as paixões podem levá-lo à realização de grandes coisas. O abuso que delas se faz é que causa o mal.” O Codificador também perguntou: “Como se poderá determinar o limite onde as paixões deixam de ser boas para se tornarem más?” E obteve a seguinte resposta: “As paixões são como um corcel, que só tem utilidade quando governado e que se torna perigoso desde que passe a governar. Uma paixão se torna perigosa a partir do momento em que deixais de poder governá-la e que dá em resultado um prejuízo qualquer para vós mesmos, ou para outrem.” [3]

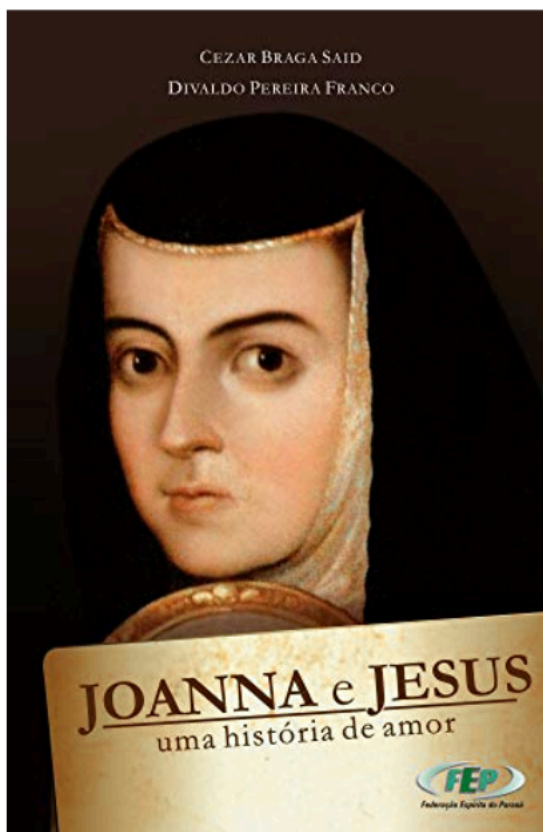
Por fim, com carinho e firmeza, Alfredo respondeu a Aristarco: “(...) acredito que você está sendo experimentado para conhecer a grandeza da herança divina. Que valem os patrimônios terrestres, ante os patrimônios imperecíveis? Não pense no que tem perdido; medite nos bens sublimes que poderá alcançar, diante da Vida Eterna. Esqueça os primos ambiciosos e o Visconde que não o compreendeu. Terão eles de deixar quanto possuem, no campo transitório, a fim de prestarem contas à Divindade.” [1] E quando chegar a nossa vez de prestarmos contas à Deus? O que apresentaremos a nosso favor? Nossos bens são apenas materiais? São paixões e apegos em excesso que sufocam e prendem? Ou já teremos conquistado alguns tesouros verdadeiros, aqueles que nem as traças e a ferrugem consomem, e nem os ladrões minam ou roubam? [4]



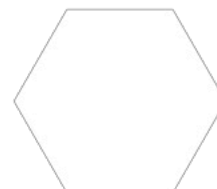
DLBV INDICA

Departamento de Livraria, Biblioteca e Videoteca

Apresenta a trajetória sublime de um espírito que há mais de dois mil anos, pelo seu amor incondicional, serenou caminhos com sua presença ao lado do Cristo na Idade Média e ascendeu como heroína das lutas pela Independência do Brasil, exaltando o papel de mulher no século XVII. Uma viagem pela história desde o momento em que Joanna aderiu ao grupo dos primeiros cristãos, martirizando-se em nome da verdade até os dias atuais como a benfeitora e orientadora daquele que é o maior divulgador pessoal do espiritismo no mundo todo: Divaldo Franco.



Márcio Xavier



Márcio Xavier é Coordenador do
Departamento de Livraria,
Biblioteca e Videoteca - DLBV



TÍTULO: JOANNA E JESUS – UMA HISTÓRIA DE AMOR
AUTORES: Cezar Braga Said e Divaldo Pereira Franco
EDITORA: FEP
1ª EDIÇÃO: 2011
PÁGINAS: 152

FILOSOFANDO sobre o terrorismo



Em face da predominância da natureza animal sobre a espiritual e do desbordar das paixões, o ser humano, em determinados estágios da evolução, mantém as heranças primeiras, os instintos primários que sobrepujam os valiosos tesouros da inteligência, do discernimento, da razão, da consciência. São eles que dão campo ao desenvolvimento da perversidade que não trepida em matar, de forma que a sua truculência emocional prevaleça.

A ausência dos sentimentos que engrandecem o indivíduo, o desvio para as estruturas esquizofrênicas, liberam as forças hediondas do primitivismo que se impõe pela tirania, abraçando o fanatismo que o caracteriza como primário, possuindo, a partir de então, um objetivo estimulador para dar campo ao que lhe é característica de evolução em nível inferior do processo de cultura e de emoção.

[...] Frio, emocionalmente, perverso, porque insano, não possuindo qualquer amor à vida, faz-se odiar, porque se sente incapaz de despertar qualquer sentimento de amor, desencadeando a erupção da selvageria interna, que o promove a uma situação de destaque, na qual transita rapidamente, porque detesta a vida e todas as suas conquistas.

Exilando-se em antros sórdidos onde se refugia, repetindo o inconsciente pessoal que busca esconder-se por sentir-se inferior, incapaz de despertar qualquer interesse digno dos seus coevos, o terrorista é um psicopata congênito, mesmo que se expresse como portador de equilíbrio que bem disfarça, em razão das peculiaridades de toda uma existência de simulação, na qual esteve assinalado pela covardia e desespero íntimo de saber-se não aceito, que é o resumo do conflito de inferioridade.

Naturalmente, como decorrência da sua insânia, pode fomentar o surgimento de outros portadores dos mesmos sentimentos de perversidade, trabalhando a infância e a juventude – materiais

humanos muito próprios – mediante os processos da lavagem cerebral, induzindo a ódios irracionais e necessidade de destruição, que se iniciam pela perda do sentido existencial, que somente possui significado até o momento de alcançar a sua meta destrutiva.

Incapaz de amar, porque se sente ancestralmente odiado, desenvolve perturbação do discernimento, por meio de cuja óptica os acontecimentos e as demais pessoas são todos adversários que devem desaparecer, quando também ele sucumbirá. [...]

São também terroristas aqueles indivíduos que, não obstante desconhecidos, espalham o medo, aproveitando-se das situações aflitivas para os demais; aqueles outros que geram a insegurança de qualquer natureza; também os ricos que exorbitam no comércio, submetendo os grupos humanos sem recursos ao seu talante; esses vis caluniadores que promovem o ódio; todos aqueles que permitem extermínios, mediante assassinatos inconcebíveis; os assaltantes inconsequentes e maus, que espalham o pavor; os estupradores perversos, e não poucos indivíduos que, apesar de fazerem parte da sociedade, encontram-se enfermos em estado grave...

Caso se permitisse terapia própria, o terrorista desenvolveria o sentimento do amor nele existente, mas não cuidado, conseguindo ultrapassar o nível de hediondez para o da fraternidade, saindo da consciência de sono para outro patamar de lucidez, de despertar. [...]

TRIUNFO PESSOAL

Joanna de Ângelis (Espírito) / Divaldo P. Franco
Cap. 7 - Distúrbios Coletivos / Terrorismo (extrato)
Ed. LEAL

Expediente

Informativo semanal da

AECX - Associação Espírita Célia Xavier

CNPJ: 17.511.502/0001-80

Fundação: 27.12.1945

Registro: Cartório do Registro Civil das Pessoas

Jurídicas da Comarca de Belo Horizonte – MG, sob o

número 28.464, no livro A-24 fls. 113 em 19.11.1974

Utilidade Pública Federal: Decreto publicado no DOU de 05.07.1991

Utilidade Pública Municipal: Lei 2788 de 16.09.1977

- Belo Horizonte, Decreto 2.298 de 17.05.1982 -

Betim e Lei 2.473 de 06.11.2001 - Ribeirão das Neves

Certificado de Regularidade de Entidade de

Assistência Social: SEDESE - inscrita sob nº 772/SIREs

constituída conforme artigos 53 a 61 do Código Civil

Brasileiro, Lei 10.406 de 10.01.2002.

Presidente:

Humberto Egypto de Cerqueira

Assessoria de Comunicação:

João Parreira Lima

Diretoria Doutrinária:

André Luiz F. Brasil

Divulgação:

Equipe da Assessoria de Comunicação; website

Editor Responsável:

João Parreira Lima

Redação Geral:

André Luiz F. Brasil

Projeto Gráfico / Diagramação:

Deyler Santos Paiva

Revisão:

Equipe do Conheça Aqui

Imagens (fotos, ilustrações, vetores):

Próprias e obtidas em bancos de imagens gratuitas (Pexels, Pixabay, Unsplash, etc.)

Expedição:

Disponibilizado somente em formato digital via e-mail de inscrição pelo site da AECX

Serviços de e-mail:

Mailchimp

Website / E-mail:

www.aecx.org.br / faleconosco@aecx.org.br

Endereço para correspondência:

AECX - Assessoria de Comunicação

Rua Cel. Pedro Jorge, 314 - Prado

Cep: 30411-105 - Belo Horizonte / MG

Contato Secretaria:

(31) 3334-5787